ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Fundada em 11 de julho de 1940

Subvencionada pelo Governo Federal

Sede: Avenida Rio Branco, 135 — Salas 917/20

Telefones: 22-4592 e 22-5842 — Rio de Janeiro

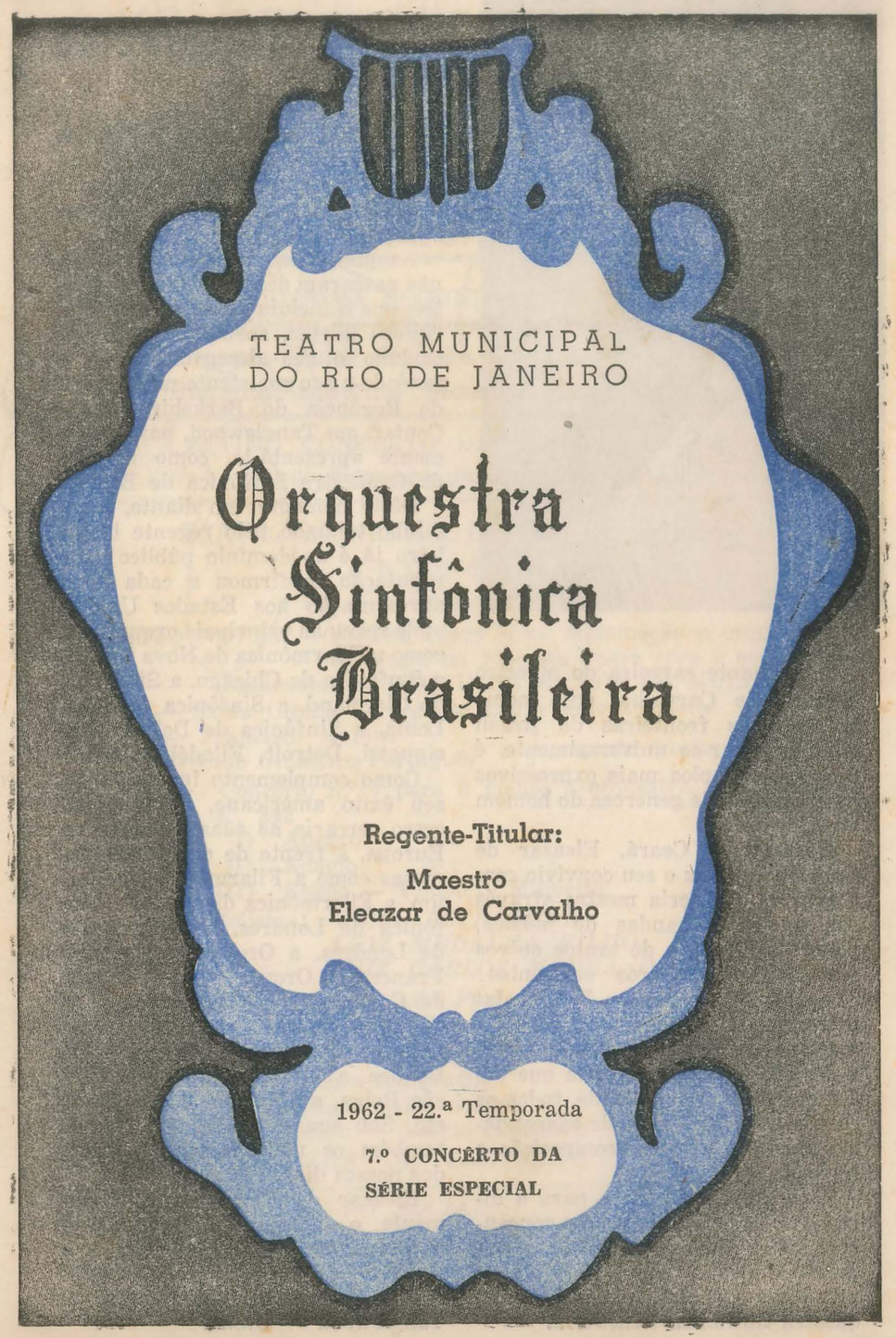
CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente — Desembargador *Eduardo Espínola Filho*
Dr. *Luiz Mac-Dowell da Costa*
Dr. *Luiz Ferreira Guimarães*
Dr. *Oswaldo Riso*
Dr. *José Gonçalves Bandeira*
Dr. *Alberto Pucheu*
Dr. *Edgard Souto de Oliveira*
Dr. *Erico Lima da Veiga*
Maestro *Eleazar de Carvalho*
Professor *Arnaldo Estrella*
Dr. *David Hagnauer*
Dr. *Ivo de Magalhães*

DIRETORIA

Presidente de Honra	—	Dr. *Arnaldo Guinle*
Presidente	—	Dr. *Luiz Ferreira Guimarães*
1.º Vice-Presidente	—	Dr. *José Moreira Bastos*
2.º Vice-Presidente	—	Dr. *Alberto Pucheu*
1.º Secretário	—	Dr. *José Gonçalves Bandeira*
2.º Secretário	—	Dr. *Otto Miller*
1.º Tesoureiro	—	
2.º Tesoureiro	—	Sr. *Jorge de França Barreto*

Composto e Impresso na
PRINCEPS GRÁFICA E EDITÔRA R. a Alzira Brandão 135 34-437



Eleazar de Carvalho

A brilhante carreira do maestro Eleazar de Carvalho, cujo nome transpôs as fronteiras do Brasil para projetar-se universalmente, é um dos exemplos mais expressivos da musicalidade generosa do homem brasileiro.

Natural do Ceará, Eleazar de Carvalho iniciou o seu convívio com a arte de que seria mestre através das modestas bandas de música, pontos de partida de tantos outros musicistas brasileiros eminentes. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, passou a frequentar a Escola Nacional de Música, realizando, com a decisão e a perseverança que definem a sua personalidade, todos os cursos principais daquele educandário musical, inclusive composição e regência.

Uma disposição inata para a direção de orquestra levou-o a concentrar sôbre essa especialidade a sua maior atenção e pelo êxito de suas primeiras atuações à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Em 1946, seguiu para os Estados Unidos, para aperfeiçoar-se com Serge Koussevitzky, no famoso Berkshire Music Center de Massachussets.

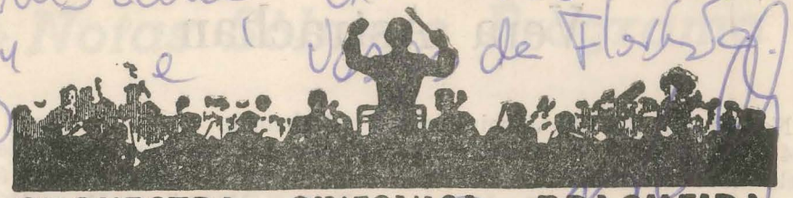
As qualidades do jovem brasileiro não passaram despercebidas ao mestre, que o incluiu entre os seus discípulos diletos, acompanhando com carinho o seu desenvolvimento e fazendo-o seu assistente na Cátedra de Regência do Berkshire Music Center, em Tanglewood, para finalmente apresentá-lo, como regente da Orquestra Sinfônica de Boston.

Dêste momento em diante, o caminho trilhado pelo regente brasileiro já é do domínio público: sua reputação se firmou a cada nova apresentação nos Estados Unidos, onde regeu as principais orquestras, como a Filarmônica de Nova Iorque, a Sinfônica de Chicago, a Sinfônica de Cleveland, a Sinfônica de Saint Louis, a Sinfônica de Dallas, Cincinnatti, Detroit, Filadélfia, etc.

Como complemento inevitável de seu êxito americano, idêntico sucesso cercaria as suas atuações na Europa, à frente de orquestras famosas como a Filarmônica de Berlim, a Filarmônica de Viena, a Sinfônica de Londres, a Filarmônica de Londres, a Orquestra Nacional Francesa, a Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris, a Orquestra de Concertos Colonne, a Orquestra Nacional da Bélgica, a Sinfônica da Radiodifusão Belga, a Filarmônica de Israel etc. Sob sua regência têm atuado também os mais famosos solistas dos nossos dias.

Eleazar de Carvalho, é, atualmente, o sucessor de Serge Koussevitzky, na Cátedra de Regência e Diretor do Departamento Orquestral do Berkshire Music Center, em Tanglewood — U.S.A.

Lembrance da execução de "Paz" e "Vozes de Floresta"



ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA

1962 — VIGÉSIMA SEGUNDA TEMPORADA — 1962

SOB O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Regente-Titular Maestro Eleazar de Carvalho

Regente-Assistente Maestro Alceu Bocchino

SÉTIMO CONCÊRTO DA SÉRIE ESPECIAL

Sábado, 29 de setembro de 1962 — às 16,30 horas

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA

1.ª Parte

BARROZO NETTO — a) Paz (para côro, declamação e orquestra)
b) Vozes da Floresta (para côro e orquestra)

Declamadora: GLORINHA BENTTLER MÜLLER

Coral — Santa Cecília — regente Laura Barrozo Netto
— Francisco Manuel } regente Abelardo Ginástico
— Club Ginástico Português }

MOZART — Concêrto n.º 7 para 3 pianos e orquestra, em Fá Maior K. 242

I) Allegro
II) Adagio
III) Rondo — Tempo di Minuetto

Solistas: *VERA ASTRACHAN*
LUIZ MEDALHA FILHO
LUIZ CARLOS MOURA CASTRO

2.ª Parte

TCHAIKOWSKY — Sexta Sinfonia Patética em si menor, op. 74

I) Adagio — Allegro non troppo
II) Allegro con grazia
III) Allegro molto vivace
IV) Finale — Adagio lamentoso

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

9.º Concêrto do QUADRO SOCIAL

Dia 13 de outubro, às 16,30 horas

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

Vera Astrachan

Nasceu no Rio de Janeiro em 1945. Aluna do Prof. Arnaldo Estrela teve oportunidade de frequentar os cursos dos Profs. Bruno Seidlhofer e Hans Graf.

No Brasil apresentou-se no Rio, S. Paulo, Minas, Bahia, Curitiba, Maceió, Niterói e Recife. No exterior: Viena, New-York, Birmingham, Washington Montevideu, Berlim e Paris.

Diplomada pela Academia de Música Lorenzo Fernandez é detentora de vários prêmios, entre êles: "Valores Novos" (1952), "Música para a Juventude" (M.E.C.), concurso para solista da OSB, Concurso Nacional da J.M.B., concurso internacional das J.M.I. em Berlim e 1.º lugar na classificação geral em concurso para a Escola Nacional de Música.

Luiz Medalha Filho

Nasceu em 1942. Estudou com Ordalia Jacobina, Elzira Amabile e Jacques Klein. Atualmente estuda com o Professor Arnaldo Estrella.

Tem se apresentado em concertos e recitais no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

É detentor de diversos prêmios entre os quais se destacam: 1.º lugar do Concurso Luigi Chiafarelli, 1.º lugar do Concurso Lorenzo Fernandez da Academia de Música, finalista do 1.º Concurso de piano da Bahia, 1.º lugar do Concurso da Juventude da Orquestra Sinfônica Brasileira e 1.º lugar no Concurso Nacional de Piano do Rio de Janeiro.

Luiz Carlos Moura Castro

Nasceu no Rio de Janeiro em 1941. Iniciou seus estudos de piano com a prof. Zilda Passos Peri, prosseguindo-os com o prof. Guilherme Fontainha e, há 6 anos, é discípulo do prof. Arnaldo Estrella. É detentor dos seguintes prêmios: 1949 — 1.º lugar "Jovens Recitalistas" (ABI); 1951 — um dos vencedores do concurso "Música para a Juventude" (Rádio M.E.C.) 1959 — 1.º lugar por unanimidade, no concurso para solista da OSB; 1961 — um dos vencedores do concurso da OSB e 2.º lugar no concurso Nacional Liszt da JMB, assim como o de melhor intérprete de música brasileira. É aluno do curso superior de piano, na classe do prof. Arnaldo Estrella, na Escola Nacional de Música e na Academia Lorenzo Fernandez, onde freqüenta o curso de Música da prof.ª Mariuccia Iacovino, faz parte do trio pianistico da J.M.B.

★ Notas Sôbre o Programa ★

BARROSO NETTO

I) A Paz — II) Vozes da Floresta

Joaquim Antonio Barrozo Netto, figura de relêvo do cenário musical brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro a 30 de janeiro de 1881 e aqui faleceu a 1 de setembro de 1941.

Inicialmente estudou violino com Frederico Mallio e depois piano com o famoso mestre Alfredo Bevilacqua, de quem mais tarde se tornou genro.

Terminou o curso com medalha de ouro, merecendo o título especial de "grande distinção".

Dedicou-se ao ensino do piano, contando entre seus alunos com verdadeiros virtuoses, tais como Rossini de Freitas, Osvaldo Estrella, Irene Nogueira da Gama e Maria Antonia.

Por duas vêzes foi à Europa, quer como Delegado do Brasil no Congresso Internacional de Música, em Roma, quer como concertista, obtendo marcante sucesso.

Recebeu em França o título de Oficial de Instrução Pública e medalha de ouro por serviços prestados à causa do ensino.

Em 1936 fundou o Coral Barrozo Netto, com cêrca de 250 vozes e que realizou memoráveis concertos, obtendo sempre ruidoso sucesso. Grande é o número de suas composições, abrangendo principalmente páginas, para piano, canto, violino e música de câmera.

A Paz, para côro, orquestra e declamação, é uma página de caráter e l e g í a c o, conclamando a harmonia e confraternização dos povos, sem distinção de raças.

Vozes da Floresta, talvez a obra-prima do compositor, foi escrita por encomenda do Ministério da Educação, para servir de música de fundo de sugestivo filme.

Descreve com rara felicidade o raiar do dia até o por do sol nas densas florestas do Brasil, com o murmúrio dos regatos e o canto dos pássaros.

MOZART

Concêrto para três pianos e orquestra (K. 242)

Data de 1776 êste "Concêrto para três pianos, em Fá Maior", e foi escrito em Salzburgo, a pedido de uma dama da aristocracia, a condessa Lodron, que o queria para tocá-lo com suas duas filhas. Durante o período de 1776 a 1777, várias obras de Mozart tinham sido feitas sob encomenda dessa família, assim como um concêrto escrito a pedido da condessa de Lütow. Esta particularidade permite compreender o caráter leve, gracioso, das obras destinadas aos salões musicais de Salzburgo, e nos mostra que Mozart, então com vinte anos, freqüentava essas reuniões, o que não acontecia pouco antes, quando tinha de se contentar com o meio burguês das famílias Hagenauer e Ronibig. Observa-se neste concêrto um refinamento do gôsto do músico, refinamento evidentemente adquirido no trato de companhias aristocráticas e exigentes em matéria de música, como eram as da sociedade nobre de Salzburgo. Clareza, simplicidade, elegância são as qualidades do "Concêrto em Fá para três pianos": nada de exageros, nada de paixões, nada de extrema virtuosidade. Dir-se-ia que o autor procurou emprestar à sua composição o máximo de finura, sem entretanto exigir dos intérpretes a resolução de problemas intrincados no teclado. Tanto no "allegro" como no "adagio" e no "rondo" em tempo de minueto, o comportamento dos solistas é um único, e dêles se exige a fidelidade de observância ao conjunto, sem proezas interpretativas ou técnicas, embora os dois primeiros pianos fiquem incumbidos das partes de canto e do acompanhamento mais importante, enquanto que o terceiro se incumbe de uma contribuição menos relevante. Tudo indica que Mozart, tendo diante de si intérpretes de méritos desiguais, propositadamente conferiu a um dêles uma parte à altura de suas possibilidades pianísticas. E tanto isto deve ter impressionado o autor que, pouco após, decidiu êle escrever uma nova versão do concêrto, desta vez para dois pianos, isto é, procurando condensar as partes de *soli* para não perder a idéia inicial da obra. Aqui, êle procura evitar o cruzamento de mãos, as oitavas consecutivas, e principalmente os efeitos prolongados de *tempo rubato*. Mais extraordinário ainda é o papel quase insignificante atribuído à orquestra, que se diminui e se apaga de tal modo que, em muitos trechos, quase estamos diante de uma simples sonata para três pianos. Tratando-se de concêrto para alunas suas, Mozart preferiu fixar, em todos os pormenores, a cadência do concêrto, em vez de deixá-la à liberdade dos intérpretes, como exigiria a forma clássica da obra.

TCHAIKOWSKY

Sexta Sinfonia em si menor, op. 74 (Patética)

Na manhã seguinte à primeira audição da "Sexta Sinfonia", que tivera uma fria acolhida, Tchaikowsky procurava para ela um subtítulo, a fim de enviá-lo ao seu amigo e editor Jurgenson. Embora considerando-a uma "sinfonia de programa", não queria de modo algum revelar o "programa". "Chama-a trágica", sugeriu-lhe seu irmão Modesto, e o compositor recusou. Pouco depois voltava Modesto para sugerir: "Patética", que Tchaikowsky achou perfeito.

Ao seu sobrinho Bob Davydov êle escrevia, no momento em que compunha a sinfonia: "Ela se intitulará simplestemente "sinfonia de programa". Mas êsse programa é totalmente penetrado de sentimentos subjetivos, a ponto de, compondo-a durante o trajeto, metalmente, mais de uma vez derramei lágrimas. Logo que cheguei, comecei a escrever os esboços, e isto correu tão depressa, e tal ardor pus no trabalho, que em menos de quatro horas o primeiro movimento estava feito, e todo o resto está nitidamente concebido em meu espírito. A metade do terceiro movimento está pronto. Haverá muitas novidades quanto à forma: por exemplo, o final será não um ruidoso "allegro", mas um longo "adagio". Não podes imaginar que alegria é para mim saber que não estou "acabado", e que sou ainda capaz de trabalhar. Realmente a "Sexta" nasceu debaixo da depressão que deixara em Tchaikowsky o rompimento com a sua "benfeitora" a Sra. von Meck, aquela que no leito de morte êle chamaria de "Maldita! Maldita!". Durante a composição da sinfonia, Tchaikowsky lia-lhe as cartas, e nutria idéias de morte, que procurou transportar para o pentagrama.

A uma primeira frase sombria, enunciada pelo fagote (a qual talvez tenha sugerido o sub-título patética" pela lembrança da sonata de Beethoven), sucede um "allegro" dos violinos e violas, sustentado por um "pianíssimo" das cordas graves, tudo numa agitação desolada, que se alterna com um canto mais suave e tranquilo. O segundo movimento trás a curiosidade de estar composto num ritmo raro, 5 por 4, e seu tema se anuncia nos violoncelos, passando às madeiras que dialogam com os violinos em "pizzicato". O acento trágico dado ao primeiro movimento persiste. No "allegro molto vivace", dir-se-ia que o compositor tende lutar contra o desalento dos dois primeiros tempos, o que dá ao trecho uma forma de "scherzo", "le ouivrage d'une instrumentation quasi militaire", diria Paul Dukas. O movimento final, contrário à praxe de encerrar-se a sinfonia com compassos rápidos, é um "adágio lamentoso", onde se encontra o tema melódico mais conhecido de Tchaikowsky, num "pathos" que fica entre o desespêro e a queixa.

Embora em sua primeira audição da "Sexta Sinfonia", de Tchaikowsky tenha colhido apenas um "succes d'estime", em 1893, foi logo bem recebida na Alemanha, sobretudo graças à interpretação que dava o regente Nikisch. Em 1898 foi apresentada em Paris, e Paul Dukas, fazendo-lhe a crítica, chamava-a de "fastidiosa", mas reconhecia o mérito do "adágio".